



ARTE E REVOLUÇÃO: DE QUE COR SÃO OS CRAVOS VERMELHOS DE ABRIL?

O «Referente Chileno» no Processo Revolucionário Português de 1974-1975: dimensões políticas e culturais

The "Chilean Referent" in the Portuguese Revolutionary Process of 1974-1975: Political and Cultural Dimensions

El «Referente Chileno» en el Proceso Revolucionario Portugués de 1974-1975: dimensiones políticas y culturales

Rita Lucas Narra¹

orcid.org/0000-0002-2496-3181
ritalucnarra@gmail.com

Recebido em: 07 out. 2025.

Aprovado em: 24 mar. 2026.

Publicado em: 30 jun. 2026.

Resumo: No dealbar do processo revolucionário português, em meados de 1974, é estabelecido um vínculo imediato com a trajetória política recente do Chile. Um conjunto de semelhanças e contrastes convidavam ao estabelecimento de paralelos: dois golpes protagonizados pela classe militar, separados por escassos meses de distância (Setembro de 1973 no Chile, Abril de 1974 em Portugal), o primeiro encerrando uma experiência socializante ao passo que o segundo abriu caminho para uma experiência revolucionária. Estabelece-se a partir de então no contexto revolucionário portuguesa uma relação multilateral com o Chile, um entrelaçar que ganhará contornos políticos, diplomáticos, culturais e ideológicos. Através de episódios que consubstanciaram o estreitar ao universo chileno, este artigo compõe um percurso pelo biênio de 1974-1975, mostrando como o «referente chileno» influi de forma determinante na cultura revolucionária portuguesa, com foco particular nos intercâmbios políticos e culturais que tiveram palco no período.

Palavras-chave: Revolução Portuguesa; Chile; arte; ideologia; imaginário; solidariedade.

Abstract: At the dawn of the Portuguese revolutionary process, in mid-1974, an immediate link was established with Chile's recent political trajectory. A set of similarities and contrasts invited the drawing of parallels: two coups carried out by the military class, separated by only a few months (September 1973 in Chile, April 1974 in Portugal), the first bringing an end to a socialist experiment, while the second opened the path to a revolutionary one. From that moment on, a multilateral relationship with Chile was established in the Portuguese revolutionary context—an entanglement that would take on political, diplomatic, cultural, and ideological contours. Through episodes that embodied the growing proximity to the Chilean universe, this article traces a path through the biennium of 1974-1975, showing how the "Chilean referent" had a decisive influence on Portuguese revolutionary culture, with a particular focus on the political and cultural exchanges that took place during this period.

Keywords: Portuguese Revolution; Chile; art; ideology; imaginary; solidarity.

Resumen: Al inicio del proceso revolucionario portugués, a mediados de 1974, se estableció un vínculo inmediato con la trayectoria política reciente de Chile. Un conjunto de similitudes y contrastes invitaban a establecer paralelismos: dos golpes protagonizados por la clase militar, separados por escasos meses (septiembre de 1973 en Chile, abril de 1974 en Portugal), el primero cerrando una experiencia socialista, mientras que el segundo abría camino a una experiencia revolucionaria. A partir de entonces, se estableció en el contexto revolucionario portugués una relación multilateral con Chile, un entrelazamiento que adquirió contornos políticos, diplomáticos, culturales e ideológicos. A través de episodios que materializaron este acercamiento al universo chileno, este artículo recorre el bienio de 1974-1975, mostrando cómo el «referente chileno» influyó de forma



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Instituto de História Contemporânea, Lisbon, Portugal.

determinante en la cultura revolucionaria portuguesa, con especial atención a los intercambios políticos y culturales que tuvieron lugar durante ese período.

Palabras clave: Revolución Portuguesa; Chile; arte; ideología; imaginario; solidaridad.

1 Introdução

As relações entre Portugal e Chile, na sua feição institucional e diplomática, caracterizaram-se ao longo do período contemporâneo pela impassibilidade, com os costumeiros tratados de amizade e acordos comerciais². Até meados do século XX, apenas um sobressalto nesta genealogia parece ser digno de nota: num gesto de coerência com as suas simpatias revolucionárias liberais, terá sido o governo saído da Revolução Liberal do Porto o primeiro a reconhecer o executivo de Bernardo O'Higgins a 11 Agosto de 1821, tornando-se desta forma o primeiro governo a reconhecer a independência do Chile. Noutro apontamento, o Chile desfruta de uma presença peculiar no espaço público da capital portuguesa, ao emprestar o nome a uma das praças centrais de Lisboa – a Praça do Chile, em Arroios. Aqui, no centro da praça, ergue-se uma estátua de Fernão Magalhães, navegador português que descobriu o estreito que possibilita a passagem entre os oceanos Atlântico e Pacífico. O episódio celebrado, tão ao gosto dos mitos marítimos que sustentavam à época a ideologia fascista do Estado Novo, seria transfigurado em esteira de amizade entre os dois países, tornando-se a estátua de Magalhães no seu palco simbólico³. O evento de inauguração da estátua, a 17 de Outubro de 1950, contou com a presença do embaixador do Chile e do presidente da Câmara Municipal de Lisboa⁴, sucedendo-se ao longo dos

anos seguintes eventos simbólicos deste tipo⁵. Em 1969 verifica-se até a existência de uma 'Liga dos Amigos do Chile'⁶, responsável pela promoção da homenagem desse ano⁷, que seria presidida por Francisco Leite Pinto, homem forte do regime que ocupara já o cargo de ministro da Educação Nacional (1955-1961).

No início da década de 1970 introduzem-se elementos de perturbação nesta relação. A ascensão ao poder da Unidade Popular no Chile, presidida por Salvador Allende, desloca a política externa do país para o campo dos Não-Alinhados e para o subsequente apoio aos movimentos anti-coloniais de libertação nacional, o que afasta os países no campo da diplomacia. Os países voltariam a realinhar-se em matéria ideológica a 11 de Setembro de 1973, na sequência do golpe militar encabeçado por Augusto Pinochet, reencontro todavia fugaz dado que, escassos meses depois, se inicia em Portugal o processo revolucionário que, começado a 25 de Abril de 1974, se prolongaria até ao final de 1975.

Golpe de Estado militar transformado em começo de um processo revolucionário pela adesão e mobilização popular massiva (Ferreira, 1983; Rezola, 2007; Telo, 2011) a revolução portuguesa abriu a sociedade portuguesa ao mundo e deixou-se contaminar por influências políticas, ideológicas e culturais de proveniências variadas. Em particular, os revolucionários portugueses estabelecem no imediato um vínculo com o panorama chileno coetâneo, que se desdobrará em diferentes esferas nos meses que se seguem. A frequência e a intensidade destes intercâmbios transformará o «referente chileno» numa das componentes centrais do imaginário revolucionário, invocado e transformado por dif-

² TRATADO de Amizade, Comércio e Navegação em 28 de Fevereiro de 1870; Acordo Comercial em 17 de Julho de 1958. 'Relações Bilaterais com o Chile'. *Portal Diplomático*, Lisboa. Disponível em: <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/chile>. Acesso em: 14 de maio de 2025.

³ A estátua, da autoria do escultor chileno Guilherme Cordoba, foi oferecida pelo governo chileno. Começa a construir-se a 26 de Abril de 1930, só sendo inaugurada em 1950.

⁴ ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. Fotografia 'O presidente da Câmara Municipal de Lisboa [Álvaro Barreto Salvação, 1944-1959] discursando na inauguração da estátua de Fernão de Magalhães'. Cláudio Madeira, 1950.

⁵ ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. Fotografia 'Homenagem prestada pelo município de Lisboa a Fernão de Magalhães. Discurso do presidente do município, França Borges (1959-1970'. Evento, a 21 de Outubro de 1960, conta com a presença de descendentes vivos de Fernão de Magalhães. Armando Seródio, 1960.

⁶ ARQUIVOS RTP. Homenagem a Fernão de Magalhães. Liga dos Amigos do Chile promove e organiza uma homenagem ao navegador português. *Noticiário Nacional*, Lisboa, 28 nov. 1969.

⁷ Por ocasião do 449º aniversário da descoberta da passagem, contando com a presença e o discurso de Rafael de la Casanueva, então embaixador do Chile em Portugal. Nas imagens dos *Arquivos RTP* é possível observar a multidão que entorna a Praça do Chile.

erentes actores no seu xadrez. Seguindo o trilho do «referente chileno» no biénio revolucionário de 1974-1975, este artigo mostra a sua presença multifacetada no contexto português, abordando aspectos políticos, sociais e culturais, distinção que é menos um vincar de fronteiras do que um exercício de foco; se as fronteiras entre esferas são sempre porosas, analisa-se uma época em que eram aberta e assumidamente inextrincáveis, celebrando-se mesmo a sua impregnação mútua. A análise recorrerá a um leque diversificado de fontes, percorrendo a imprensa diária da época, reportagens televisivas, arquivos oficiais, objectos artísticos e literários e testemunhos pessoais. Pretendeu-se desta forma reconstituir, com larga abrangência, a atmosfera política, artística e social da época. A partir da exposição destes elementos, avança-se um conjunto de hipóteses interpretativas que substancia e torna inteligível a conexão Portugal-Chile em 1974-1975, à luz das circunstâncias particulares da revolução portuguesa.

2 Portugal não será o Chile da Europa?

Há experiências históricas que nos vêm à memória e que não podemos esquecer neste momento. Estou a pensar no Chile. É preciso que a Junta de Salvação Nacional corte relações com o Chile de Pinochet. Não repetiremos os erros cometidos e temos de saber ser lúcidos e dignos nesta hora⁸.

As palavras são do então secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, e foram proferidas no palco do grande comício do Primeiro de Maio de 1974, naquele que foi o segundo grande momento de mobilização de massas do processo revolucionário. Poucos dias depois, agora em Belgrado, Soares – que então se perfilha já para assumir a pasta dos negócios estrangeiros do I Governo Provisório⁹ – reitera a presença do Chile

no horizonte dos revolucionários portugueses, no sentido duplo que lhe havia já impresso no palanque do comício: demonstrando por um lado a solidariedade da revolução portuguesa com o povo chileno, e por outro fazendo um paralelo histórico e político com o Chile do qual se deveria retirar lições para a realidade portuguesa. Em entrevista ao diário *Novosti*, a 10 de Maio de 1974, Soares incita a um esforço “de união para impedir um novo Chile [...] [por parte de] todas as forças democráticas em Portugal, no seu conjunto incluindo as Forças Armadas”¹⁰. A questão chilena seria de novo evocada semanas depois, à margem das negociações com o Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde (PAIGC) em Londres¹¹, com Soares a reiterar o compromisso com os “camaradas” chilenos e declara ter já chamado a Lisboa o embaixador português em Santiago do Chile.

A presença reiterada do destino recente do Chile no discurso de Soares diz-nos menos acerca da sua importância para o ministro¹² do que sobre a premência então já assumida pela questão chilena no panorama político português. Se por um lado este desenvolvimento acompanhava a tendência global de denúncia dos crimes cometidos pela junta militar chilena, então mais disseminados geograficamente do que os movimentos antiguerra do Vietname¹³, por outro lado a sua expressão em Portugal assumia contornos particulares, devido ao momento político que aí se vivia. A sua influência começava a sentir-se de forma contundente não só na reflexão política incipiente sobre o futuro do processo revolucionário português, como nos próprios símbolos políticos da revolução. A 9 de Maio de 1974, Arnaldo Saraiva identificava já o cântico ‘O Povo Unido Jamais Será Vencido’ como “o slogan [que] parece simbolizar melhor o movimento do 25 de Abril [...] [na] rua, na imprensa, na rádio e

⁸ ARQUIVOS RTP. Manifestações do Primeiro de Maio e Comício no estádio da FNAT. *Noticiário Nacional*, Lisboa, 1 maio 1974.

⁹ O I Governo Provisório toma posse a 16 de Maio de 1974 e terminará a 17 de Julho de 1974.

¹⁰ Citado em *Diário de Lisboa*, Lisboa, 10 maio 1975, p. 15.

¹¹ As duas comitivas discutem reconhecimento da independência da Guiné-Bissau, já proclamada pelo PAIGC em 1973, e o processo de independência para as ilhas de Cabo Verde.

¹² Com o efeito, o Estado português jamais cortou relações diplomáticas com o Chile, inclusive no período em que Mário Soares foi primeiro-ministro (1976-1978; 1983-1985).

¹³ MOORES, Christopher. Solidarity for Chile, Transnational Activism and the Evolution of Human Rights. *Moving the Social: Journal of Social History and the History of Social Movements*, Bochum, n. 57, p. 115-136, 2017. DOI: <https://doi.org/10.13154/mts.57.2017.115-136>.

na televisão ele é, de longe, o mais ouvido ou repetido"¹⁴. Importação chilena, o slogan fazia-se na tradução para português do título canção de protesto 'El Pueblo unido jamás será vencido', canção composta por Sergio Ortega e gravada originalmente pela banda Quilapayún no Chile. O sucesso internacional instantâneo da canção, que "comenzó a contagiarse en vários países"¹⁵ ao ponto de se tornar canção de embalar¹⁶, chegaria a Portugal por via de várias redes de circulação militante – com o eclodir do processo revolucionário, tornar-se-ia no instrumento privilegiado de veiculação das aspirações populares.

A trajetória ascendente do elemento chileno é confirmada ao longo do Verão de 1974. Sucedem-se manifestações de repúdio ao governo da Junta Militar do Chile – numa delas, organizada em frente à embaixada do Chile por ocasião da apresentação de credenciais do novo embaixador chileno em Lisboa, uma pirâmide humana forma-se para desfraldar no mastro da embaixada uma bandeira com uma suástica¹⁷, gritando-se vivas ao povo chileno e denunciando a política de "Nixon, Franco, Pinochet"¹⁸. Começam também a passar por Portugal exilados chilenos. Hortensia Allende, viúva de Salvador Allende, chega a 12 de Junho, vindo a convite do Movimento Democrático das Mulheres (MDM)¹⁹. Dias depois, aterra em Lisboa Fernando Batinga de Mendonça, professor universitário que colaborara anteriormente com o Ministério de Habitação chileno e que é prontamente entrevistado pelo *Diário de Lisboa*, para a edição de 15 de Junho de 1974²⁰. Com honras de capa, onde uma pequena

fotografia de Batinga de Mendonça surge cotejada pela legenda 'A TRÁGICA LIÇÃO DO CHILE', a entrevista divide-se entre a denúncia dos crimes da junta militar chilena e ao instigar de paralelos entre os eventos no Chile e a situação presente em Portugal – está em laboração a noção de que o passado recente chileno pode ser o futuro iminente Portugal.

A Batinga de Mendonça, à semelhança do que acontece na cobertura mediática de forma geral no Portugal de 1974 em relação aos exilados chilenos, pede-se uma exposição introdutória do que foram os feitos da Unidade Popular e das causas que levaram à sua queda, e no seu seguimento uma análise comparada dos dois contextos, da qual seja possível retirar orientações políticas para o contexto português. A questão que abre a entrevista a Batinga de Mendonça – "Poderá um governo democraticamente eleito fazer a transição pacífica do capitalismo para o socialismo? – é tanto sobre as chances de sucesso do governo de Allende como sobre as perspectivas do processo revolucionário português. Já do lado dos exilados chilenos, há também uma urgência na partilha do que entendem ser as lições do desenrolar da situação política e social do Chile, e um entusiasmo grande com a nova situação portuguesa. Batinga de Mendonça declara, com efeito, ter vindo para "ver de perto o processo português [...] estabelecer contactos para partilhar a experiência vivida no Chile"²¹.

O interesse no percurso da Unidade Popular enquanto experiência política «original», a chamada *via chilena para o socialismo*, aumenta

¹⁴ SARAIVA, Arnaldo. O povo unido jamais será vencido. *Jornal de Notícias*, Lisboa, 9 maio 1974.

¹⁵ PAUL, Fernanda. "El pueblo unido jamás será vencido": la historia del emblemático himno de protesta que vuelve a ser protagonista en Chile. *BBC*, ls. l.l., 16 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50809666>. Acesso em: 17 abr. 2025.

¹⁶ "Una amiga me contó hace tiempo que las canciones de Inti-Illimani y Quilapayún eran tan populares en la Italia de los años setenta que llegaron a convertirse en canciones de cuna que su madre le cantaba cada noche antes de irse a dormir. Una de esas canciones era «El Pueblo Unido»" (TORRES, Eduardo Vergara. De pie, cantar, que vamos a triunfar. *Jacobin*, New York, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2024/11/de-pie-cantar-que-vamos-a-triunfar/>. Acesso em: 7 mar. 2025).

¹⁷ ARQUIVO CASA COMUM. Fotografia de Inácio Ludgero. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/pesqArquivo.php?termo=chile+lu-dgero>. Acesso em: 2 fev. 2025.

¹⁸ Manifestação organizada pela organização trotskista Liga Comunista Internacionalista (LCI), a que se juntam outros grupos. Começa pequena e vai engrossando ao longo do percurso Praça do Chile-Avenida Miguel Bombarda. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 6 jun. 1974.

¹⁹ MDM aproveita a presença da sua delegação no Conselho da Federação Internacional Democrática das Mulheres em Varsóvia para convidar Hortensia Allende.

²⁰ 'O Chile de Allende: Aviso de uma testemunha' – Entrevista de Alice Nicolau a Fernando Batinga de Mendonça. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 15 jun. 1974, p. 7-8.

²¹ 'O Chile de Allende: Aviso de uma testemunha' – Entrevista de Alice Nicolau a Fernando Batinga de Mendonça. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 15 jun. 1974, p. 7-8.

em crescendo à medida que o processo revolucionário em Portugal se vai concretizando como certeza e se começa a esboçar a construção de uma «via original» portuguesa, primeiro socializante, depois socialista²². Esta proximidade com o Chile traduz-se em duas direcções distintas. Por um lado, o «referente chileno» torna-se num elemento importante na análise das circunstâncias portuguesas, uma espécie de seu duplo contrastante que carrega ameaças de simetria política, remetendo para a reacção das «classes dominantes» aos avanços populares, as armadilhas das experiências ditas «originais» para o socialismo e as prováveis reacções adversas internacionais. Com efeito, o invocar do Chile torna-se numa plataforma privilegiada para expressar receios de ingerência externa na política interna portuguesa, em particular dos Estados Unidos da América, e para interpelar os perigos da extrema-direita. Se noutros pontos da Europa o «referente chileno» tinha já sido instrumentalizado como "um ecrã de projecção não apenas para o passado, mas também para protestar contra a estamina e a ressurgência percebida do fascismo na Europa no início dos anos 1970"²³, em Portugal assumia o carácter de uma ameaça que se acreditava iminente. Por outro lado, o horizonte chileno traduz-se numa corrente dilatada de solidariedade com o Chile que, conhecendo múltiplas manifestações no biénio de 1974-1975, tem um dos seus pontos altos em Setembro de 1974, quando se assinala o primeiro aniversário do golpe militar no Chile. A efeméride é vivida com grandes mobilizações e particular comoção, por parte de quadrantes políticos diferentes. Num momento de grande tensão no contexto do processo português, em que se agudizam disputas no seio do campo político militar, diferentes organizações da esquerda portuguesa

organizam iniciativas próprias, articulando-se com os grupos homónimos chilenos, dos seus universos ideológicos correspondentes.

A maior iniciativa é a «Semana de Apoio ao Povo do Chile», organizada pelo Partido Comunista Português (PCP) e pela Intersindical²⁴, e conta com um conjunto de iniciativas por todo o país. Chegam a Portugal para participar nas actividades José Oyarce, antigo ministro do trabalho de Allende e membro do comité central do Partido Comunista Chileno, e Eduardo Rojas, vice-presidente da Central Única de Trabalhadores do Chile (CUT), encontrando uma recepção apoteótica no aeroporto de Lisboa, onde é possível observar uma zona de chegadas lotada de portugueses e chilenos de cravos em punho²⁵. Roja, na abertura da Semana de Apoio, diria mesmo que "la derrota do fascismo em Portugal foi uma vitória do povo chileno". Em plenário, a Intersindical aprovava uma greve nacional de cinco minutos em homenagem a Salvador Allende e ao povo chileno na manhã de 11 de Setembro e até nos jogos de futebol se cumpre um minuto de silêncio; várias ruas são renomeadas para rua Salvador Allende (em Sacavém, Algés, Amadora, entre outras) e no Couço, aldeia célebre pela resistência antifascista, os antigos presos políticos organizam um acto simbólico de solidariedade com o Chile. Aos exilados chilenos, três crianças fazem chegar poemas sobre o Chile escritos por cerca de mil crianças, do Barreiro, Baixa da Banheira, Almada, Coimbra, Porto, Lavarado e Lisboa²⁶. Já o Partido Socialista, que num primeiro momento integrava a organização da Semana de Apoio ao Povo do Chile, acaba por sair do comité organizativo²⁷ e avançar com o seu próprio acto de solidariedade, que acontece no mês seguinte. Também na relação com o Chile se desenha a disputa que está a opor em crescendo de tensão

²² A «opção socialista» do processo revolucionário português foi confirmada no rescaldo do 11 de Março de 1975, no rescaldo de um contra-golpe fracassado que dá o impulso definitivo para a nacionalização de sectores chave da economia portuguesa e a definição categórica da experiência portuguesa como uma experiência socialista.

²³ CHRISTIAENS, Kim. European Reconfigurations of Transnational Activism: Solidarity and Human Rights Campaigns on Behalf of Chile during the 1970s and 1980s. *International Review of Social History*, Cambridge, v. 63, n. 3, p. 413-448, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0020859018000330>.

²⁴ A maior confederação sindical em Portugal.

²⁵ ARQUIVOS RTP. Chegada de opositores e dirigentes políticos do Chile a Lisboa. *Noticiário Nacional*, Lisboa, 8 set. 1974.

²⁶ *Diário de Lisboa*, Lisboa, 6 set. 1974, p. 2.

²⁷ O ponto de ruptura terá sido a decisão pela não-participação na Semana de Apoio ao Chile de sindicatos não afectos à Intersindical.

PCP e PS, com a mobilização dos respectivos universos políticos e ideológicos chilenos. A 11 de Outubro de 1974 o Pavilhão dos Desportos recebe o comício que conta com a participação de Carlos Altamirano, então secretário-geral do Partido Socialista Chileno, e de Luía Ayala, líder das juventudes socialistas chilenas.

Em paralelo com a actividade dos partidos políticos em relação ao Chile, também o MFA invocava reiteradamente o «referente chileno», assignando-lhe porém funções e propósitos diferentes. A par da proximidade cronológica entre os golpes do Chile e de Portugal, interpelava directamente o MFA o facto de ambos terem sido protagonizados pela classe militar. Os desfechos diferentes dos dois golpes militares – no Chile em 1973 levando ao encerramento de um ciclo de mobilização popular com a sua repressão sangrenta, em Portugal em 1974 abrindo o campo para o começo de um processo revolucionário – pavimentava o terreno de reflexão do MFA em torno do lugar que as Forças Armadas devem assumir nos processos de transformação social, e das sombras políticas que as rodeiam. No processo de constituição do MFA em “motor da revolução” – transformação que se fez in loco à medida que o processo revolucionário se desenrolava, dado que o plano original previa a transição de poder para civis a curto-prazo – este contraste com as Forças Armadas chilenas viria a revelar-se particularmente prolífero, tornando-se uma espécie de contraponto legitimador do MFA. Esta dinâmica é particularmente visível nas páginas do boletim Movimento, publicação das Forças Armadas portuguesas que começa a publicar-se em Setembro de 1974 destinada à formação teórica e ideológica dos militares, tornando-se numa das plataformas de teorização do MFA enquanto sujeito revolucionário. Nas suas páginas, podemos observar como a questão chilena é evocada em detalhe e com particular

comoção, dispondo-se a análise sempre de forma a extrair lições que possam auxiliar o MFA a navegar no xadrez político de 1974-1975, e fazendo sobressair as suas virtudes no contraste com as FA chilenas:

Como podemos nós, militares do 25 de Abril português, que nos revoltámos para libertar o povo e que com ele estamos comungando a mesma alegria, compreender esta tragédia? Para que esta revolução militar trágica possa ser entendida, torna-se necessário partir da análise das características tradicionais das Forças Armadas chilenas.

O que se passou e passa no Chile diz respeito ao mundo inteiro. Diz-nos respeito particularmente a nós, militares do 25 de Abril.

O exemplo chileno é terrificante. Mostra-nos como o mito do apoliticismo permite que Forças Armadas de sólida mas cega preparação profissional sejam facilmente conduzidos à traição e convertidas em assassinos do seu próprio povo. Mostra-nos, por outro lado, que existe um factor original e tranquilizante na situação portuguesa, que se chama Movimento das Forças Armadas²⁸.

A “contra-revolução no Chile”²⁹ continuará a ser invocada como esteira de reflexão sobre um conjunto de questões prementes em contextos revolucionários, desde o padrão de comportamento das FA³⁰ ao papel dos *media* no fomento de intentos contra-revolucionários³¹. O «referente chileno» será também levado a todo o país pelas Campanhas de Dinamização Cultural do MFA, que o usa como introdução aos problemas prementes de Portugal – podemos ler nas notas sobre uma sessão na Moita, a título de exemplo, que um conjunto de “diapositivos [que] focavam os problemas dos bairros de lata no Chile” foram utilizados para abordar o problema da habitação em Portugal, e que “[a] semelhança de problemas vistos e os vividos no nosso país foi bem percebida pelos alunos, especialmente a diferença de actuação das Forças Armadas nos dois países”³².

Atravessando diferentes quadrantes políticos e sociais, a ligação Portugal-Chile incrusta-se no

²⁸ CHILE – uma revolução militar trágica. Movimento, [s. l.], n. 2, 3 out. 1974, p. 3-4, grifo meu.

²⁹ Movimento, [s. l.], n. 4, 18 out. 1974, p. 5.

³⁰ “[T]emos bem presente que umas Forças Armadas despolitizadas [...] são o campo ideal para a reacção [...] A tragédia do Chile é a prova mais concreta e que convém nenhum de nós esquecer” (Movimento, [s. l.], n. 17, 6 maio 1975, p. 5).

³¹ [O] *Mercúrio*, no Chile, descobre uma base de misséis soviéticos. Movimento, [s. l.], n. 17, p. 5.

³² Sessão realizada na Sociedade Estrela Moitense em ligação com a Escola Preparatória da Moita. Movimento, [s. l.], n. 5, 26 nov. 1974, p. 5. Aqui observando-se também como paralelo com FA chilenas é usada para legitimar MFA.

imaginário revolucionário e influi na formulação das reivindicações populares: «Portugal não será o Chile da Europa» tornou-se num dos slogans mais emblemáticos da revolução portuguesa, conhecendo até particular ressonância no exterior. Manifestações de solidariedade com os revolucionários portugueses traduzem e centralizam o slogan, que surge nos cânticos, em faixas e em cartazes de apoio, usando-se a ligação Portugal-Chile como mecanismo de denúncia dos perigos pretensos que enfrenta a revolução portuguesa, de Roma ('Il Portogallo non sarà il Cile d'Europa')³³ a a Washington ('Solidarity with the portuguese working class. No economic boycott. Big business, NATO, CIA hands off Portugal. Portugal will not become another Chile')³⁴.

3 Conexão Portugal-Chile: intercâmbios culturais

Os paralelos políticos estabelecidos com a história recente no Chile vão também traduzir-se numa aproximação à cultura chilena, através de um conjunto de intercâmbios propulsionados, por um lado, pelo grande interesse que se desenvolve na sociedade portuguesa em torno de obras, motivos e autores chilenos, destacando-se em particular Pablo Neruda, e por outro pela chegada a Portugal de exilados chilenos ligados a diferentes artes.

Em 1974 encontramos já um conjunto de iniciativas neste sentido. No I Festival Internacional do Algarve, realizado em Agosto de 1974, o coro da Fundação Gulbenkian apresenta uma cantada a Pablo Neruda³⁵. Integrado na já referida Semana de Apoio ao Povo do Chile, em Setembro de 1974, a Associação Portuguesa de Escritores organiza um colóquio dedicada à literatura chilena, com José Saramago a moderar os trabalhos. Excertos

de poemas de Neruda são lidos em português por Fernanda Lapa e em espanhol por José Carlos Gonzalez; Eduardo Rojas participa no colóquio fazendo uma exposição sobre a génese política e social da Unidade Popular³⁶. Programas literários dedicados ao Chile são exibidos em horário nobre na RTP, caso de episódio de *Todas as Letras* que analisa "situação política no Chile a partir de uma perspectiva teórica e literária"³⁷.

Em 1975, os intercâmbios intensificam-se. A rádio "passa a toda a hora" canções revolucionárias chilenas³⁸. O Duo Ouro Negro, grupo musical angolano de grande projecção internacional nos anos Sessenta, grava o single 'Poema para Allende', consagrando o cruzamento simbólico dos dois contextos: "Do povo fez salvador/Allende seu irmão/ lançando à terra do Chile/sementes de Abril/da revolução"³⁹. Cria-se na Lousã a Brigada Victor Jara, quando um grupo de estudantes a participar nos trabalhos da abertura de uma estrada, integrados numa campanha de dinamização cultural do MFA, começam a cantar juntos de forma informal⁴⁰. Grupo de música tradicional portuguesa que se nomeou em homenagem ao cantor chileno assassinado pela junta militar poucos dias depois do golpe militar no Chile, a Brigada Victor Jara continua ainda no activo nos nossos dias, tendo sido distinguida em 2024 pelo governo chileno em agradecimento "pelos serviços prestados pela Brigada em prol da conservação da memória da democracia chilena e através da disseminação em nome de Jara ao longo de todos os sítios" em que a Brigada actuou⁴¹. Mas o referente chileno é também objecto de interpelações amadores, inclusive em escolas primárias: no acervo de António Carlos Silva, é possível encontrar registos fotográficos da peça 'Os Meninos do Chile', levada a cabo por alunos de

³³ Mote de manifestação convocado por grupo Lotta Continua em Roma, a 27 de Setembro de 1975.

³⁴ Cartaz afixado na parede de filme *Fighting for Workers' Power*, de Newsreel Collective, 1975.

³⁵ *Diário de Lisboa*, Lisboa, 7 ago. 1974, p. 4.

³⁶ ARQUIVOS RTP. Colóquio da Semana de Apoio ao Povo do Chile em Lisboa. *Noticiário Nacional*, Lisboa, 6 set. 1974.

³⁷ ARQUIVOS RTP. Literatura e o Chile. *Todas as Letras*, Lisboa, 6 set. 1974.

³⁸ HOWE, Marveve. Lisbon and Chile: Diverse Paths. *The New York Times*, New York, 22 set. 1975. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1975/09/22/archives/lisbon-and-chile-diverse-paths-democratic-solution-is-being-sought.html>. Acesso em: 27 jan. 2022.

³⁹ DUO Ouro Negro, vinil 'Poema para Allende/Tentando ir mais alto'. EMI, 1975.

⁴⁰ BRIGADA Victor Jara nasceu a abrir uma estrada com o MFA. *Notícias de Coimbra*, Coimbra, 14 abr. 2014. Disponível em: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/brigada-victor-jara-nasceu-a-abrir-uma-estrada-com-o-mfa/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

⁴¹ CHILE distingue Brigada Victor Jara nos 50 anos do derrube de Allende. *Notícias de Coimbra*, Coimbra, 12 abr. 2024. Disponível em: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/chile-distingue-brigada-victor-jara-nos-50-anos-do-derrube-de-allende/>. Acesso em: 18 maio 2025.

uma escola preparatória da Amadora. Na imagem observa-se um grupo de crianças a dramatizar os eventos recentes do Chile, com um dos actores ao centro a envergar farda militar óculos de sol numa clara alusão a Pinochet. Além da peça de teatro, que foi composta pelos próprios alunos, a actuação contou ainda com leitura de poesia e música chilena⁴².

No quadro do intercâmbio cultural Portugal-Chile do biénio revolucionário, a obra de Pablo Neruda merece uma menção particular – depois de figurar nas listas da censura do regime deposto (Melo, 2007) a poesia de Neruda conhece uma verdadeira explosão no espaço público português. Os seus livros, alguns traduzidos por poetas maiores portugueses como Francisco Assis Pacheco (Neruda, 1974) e Alexandre O'Neill (Neruda 1975), conhecem várias edições ao longo de 1974-1975. Cria-se o prémio literário Pablo Neruda, que Eduardo Prado Coelho classifica em Agosto de 1975 como "uma das distinções mais significativas do panorama literário português"⁴³. Poemas de Neruda podiam até ser encontrados em boletins de bairro de Comissões de Moradores⁴⁴.

No trilho do único texto que Neruda escreveu para teatro, um destino singular no processo revolucionário português. *Fulgor e Morte de Joaquim Murieta* é levada a cena pelo Grupo de Teatro de Campolide, com encenação de Joaquim Benite, estreando a 11 de Janeiro de 1975 no Clube Atlético de Campolide – a pré-estreia, semanas antes, tinha acontecido num "lotado" teatro Garcia de Resende, em Évora⁴⁵. A história trágica do "honorable bandido" Joaquim Murieta, imigrante chileno na Califórnia a participar na corrida ao ouro que se metamorfoseia em justiceiro

social, ecoa no Portugal de meados dos anos Setenta que está a recalibrar noções de justiça, dignidade e igualdade. A convite da companhia de teatro de Campolide, chega a Portugal para participar na estreia da peça Elba Vergara, antiga secretária pessoal de Allende e correntemente representante dos militantes chilenos no exílio. Em entrevista à RTP, Vergara antecipa alguns dos tópicos que vai abordar na apresentação da peça, a seu cargo: a alegria de estar em Lisboa onde "uma vez mais respir[ar] liberdade", a importância de Pablo Neruda no processo revolucionário chileno e o modo como "não obstante a grande dor", a morte de Neruda "não constitui uma morte total, constitui como que essa luz que também seguramente ilumina Portugal por estes dias"⁴⁶.

Nos dias seguintes a peça continuaria a ser representada em Campolide. Numa das representações, a 23 de Janeiro de 1975, segue-se uma sessão de esclarecimento do MFA. No relatório produzido pelo aparato político-militar, é possível ler-se:

23 Janeiro 1975, 21h30-00h30 Clube Atlético de Campolide. Pessoal destacado: 2º Tenente Zambujo, Alferes Duarte, Aspirante Santa, Furiel Mando, Furiel Ribeirinha, Furiel Bento, 1º Cabo Costa. [...]

A peça presta-se maravilhosamente para uma introdução à sessão:

LIGAÇÃO CHILE-IMPERIALISMO USA/PORTUGAL.

Boa recepção do público. Pedidos para realização de outras sessões, mas mais cedo. [...]

No intervalo da peça a Emissora Nacional realizou uma entrevista.

O grupo de teatro ofereceu-se para espectáculos em colaboração com o MFA⁴⁷.

A peça passaria então a integrar as campanhas

⁴² ACERVO ANTÓNIO CARLOS SILVA. Alunos da Escola Preparatória Francisco Manuel de Melo, ano letivo 74/75, em actuação no Salão Paroquial da Igreja da Amadora. Representação de uma peça de teatro, concebida e interpretada pelos próprios alunos, alusiva ao golpe militar de Pinochet no Chile (1973) e intitulada "Os meninos do Chile".

⁴³ ARQUIVOS RTP. Entrevista com Nuno Júdice. *Com Todas as Letras*, Lisboa, 20 ago. 1975.

⁴⁴ MORADORES em Luta. Boletim da Comissão de Moradores de Contumil nº 3, out./nov. 1975. Número que explica recém-formado 'Conselho Revolucionário dos Moradores do Porto', cujo designio é agregar e articular vontades de 70 comissões de moradores da cidade. Na capa do boletim, conjunto de poemas de Pablo Neruda; transcrição de texto publicado pelo grupo de trabalho de informação de Associação de Moradores de Santo Ovídio: "Queremos continuar a ser exploradores? Então lutemos pela sociedade socialista, lutemos ao lado dos soldados e oficiais progressistas [...] – NÃO A UM NOVO CHILE".

⁴⁵ Ante-estreia da peça no encerramento do IV Festival de Teatro de Évora, a 28 de Dezembro de 1974. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 7 jan. 1975, p. 14.

⁴⁶ ARQUIVOS RTP. Entrevista a Elba Vergara. *Noticiário Nacional*, Lisboa, 10 jan. 1975.

⁴⁷ ARQUIVO DA DEFESA NACIONAL. Relatório das sessões de esclarecimento na região de Lisboa. 1974/1975, PT/ADN/EMGFA/5DIV/017/0055/005.

de dinamização cultural e acção cívica do MFA, iniciativas que almejavam levar a revolução aos lugares do país mais recônditos. Por norma, as sessões estruturavam-se em torno de um objecto artístico, como representação de peças ou exibição de filmes, a que se seguia uma sessão de esclarecimento e debate político com os militares, os artistas e a população. É possível seguir parcialmente o trilho do grupo de teatro de Campolide: começa aqui uma itinerância que totalizará "mais de sessenta representações por todo o país"⁴⁸. No âmbito da «Operação Beira Alta», que teve início a 18 de Março de 1975 em Viseu, por ocasião de uma pintura mural alusiva à revolução no edifício da Caixa Geral de Depósitos de Viseu, encontramos uma representação da peça que, segundo o Boletim Movimento, foi "observada e vivida em profundo silêncio e com uma atenção desmedida" por parte de quem assistia⁴⁹.

Em paralelo, artistas chilenos no exílio chegam a Portugal, alguns escolhendo mesmo fixar-se no país. É o caso de Robert Marino, chileno de Concepción que aterra no Porto em 1975 vindo da RFA e que, como encenador do Teatro Experimental do Porto⁵⁰, percorrerá o norte do país acompanhando o exército nas campanhas de dinamização do MFA (Vespeira de Almeida, 2024). Ou de Francisco Ariztía, pintor que se fixa em Lisboa em 1975 e que será o autor da grande pintura mural *Do Tempo da Outra Senhora ao Tempo novo*, no Centro da Cultura Popular Alcântara. Ariztía pintara já um mural na parede da Casa da Cultura do Centro Mineiro de Chuquicamata, em pleno deserto do Atacama em 1973, e voltava agora à arte muralista a convite da companhia brasileira de teatro de José Celso, entretanto também instalada em Lisboa⁵¹.

De passagem por Portugal em 1975 está também Antonio Skármeta, escritor chileno exila-

do que vem participar na rodagem do filme *Es herrscht Ruhe im Land* ('Reina Tranquilidade no País) de Peter Lilienthal⁵², baseado no guião de Skármeta em torno das lutas de libertação nos países latino-americanos. O processo de rodagem do filme é uma história peculiar no processo revolucionário português, que pode ser utilizado como uma arena onde questões mais amplas se expõem e debatem.

A RTP acompanha as rodagens do filme em Setúbal⁵³. Ao som de uma flauta andina, dezenas de figurantes fardadas como soldados e de espingarda ao ombro surgem nas primeiras imagens, carrinhas militares cheias atravessam o centro de Setúbal, no que parece ser uma produção de dimensão considerável. A reportagem corta depois para um militar, que é apresentado como oficial Neves, mandatado pelo MFA para acompanhar a rodagem do filme – é neste momento que nos apercebemos que os figurantes do filme são, na verdade, soldados reais. O oficial Neves explica que, contactado pelo capitão Lopes na qualidade de elo de ligação da Quinta Divisão⁵⁴, entrou para a produção como figurante, tornando-se depois actor e até assistente de produção, dado ter granjeado a participação da polícia no filme e assegurado a parte técnica em matéria militar, nomeadamente todas dimensões em redor do armamento. O oficial Neves partilha também excertos de conversas tidas com Skármeta que, na qualidade de exilado político, lhe assegurou ter escrito o guião a partir de experiências próprias; referindo-se a aspectos formais do filme, localiza-o num "tipo de cinema não muito vulgar, muito diferente do que é normal fazer-se lá fora".

A conversa prossegue com o interesse do entrevistador nas questões logísticas do filme, em particular o modo como se arranjam os adereços. Num tom informal pontuado por várias gargalhadas, o oficial Neves partilha que muito

⁴⁸ COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA. *Almada | A Sorte Que Tivemos!* Almada, 12 abr. 2024. Disponível em: <https://ctalmada.pt/alma-da-a-sorte-que-tivemos/>. Acesso em: 2 maio 2025.

⁴⁹ *Movimento*, [s. l.], n. 18, 20 maio 1975, p. 4.

⁵⁰ ARQUIVOS RTP. *TV Palco*. Lisboa, 12 jun. 1975.

⁵¹ Ficha da exposição 'O Mural de Alcântara', no assinalar dos 50 Anos do mural no Mercado Municipal Rosa Agulhas, Lisboa.

⁵² Filme que ganharia o Deutscher Filmpreis (Prémio de Cinema Alemão de Melhor Filme) e o Preis der deutschen Filmkritik (Prémio de Melhor Filme da Associação Alemã de Críticos de Cinema) em 1976.

⁵³ ARQUIVOS RTP. Peter Lilienthal em Setúbal. *Das Artes e Ofícios*, Lisboa, 13 mar. 1975.

⁵⁴ Organismo responsável pelas campanhas de dinamização cultural e cívica, programas de rádio e de televisão do MFA, entre outros.

do material utilizado da rodagem vem do próprio Exército português, que disponibiliza as viaturas do filme e os capacetes; sobre as fardas, Neve julga que são "made in Feira da Ladra"⁵⁵, com o entrevistador a corroborar a importância das fardas como pormenor diferenciador entre exércitos. Neves faz o apontamento de que, segundo sabe, "estas fardas são muito parecidas com as fardas utilizadas há uns bons anos atrás por toda uma tropa colonial que estava nas províncias ultramarinas". A câmara prossegue passando por actores e elementos da rodagem, sendo unânime entre todos que Portugal é no momento um sítio privilegiado para quem quer abordar as questões que são veiculadas no filme – "em nenhuma outra parte do mundo latino, ibérico e das repúblicas latino-americanas, [o filme] poderia ser feito senão aqui, em Portugal, agora"; "por alguma razão [o filme] está a ser feito em Portugal". Skármeta surge a corroborar esta ideia, vincando o contraste entre "a tragédia do Chile e por outro lado a boa-venturança, a alegria de la fortuna de Portugal", e elogiando a colaboração "muito significativa" do povo sadino.

Os aspectos formais, logísticos e simbólicos do filme convocam questões mais amplas, alojadas no cerne do próprio processo revolucionário. O centro de gravidade desta reflexão é a participação do exército nas gravações do filme, um exército que tinha sido simultaneamente o braço armado do colonialismo em África e o estertor do Estado de inspiração fascista em Portugal, por via do Movimento das Forças Armadas. Ao prestar-se a fazer de exército opressor para as câmaras, sendo que esta actividade *sui generis* para umas Forças Armadas só se concretiza justamente pela sua metamorfose em exército libertador via MFA, o exército/MFA parece dramatizar a sua própria história recente, usando o universo de rodagem do filme como palco para a encenação das suas próprias tensões, ambiguidades, contradições. Como palco de dramatização da sua própria história atribulada recente: um Movimento das Forças Armadas que por força de circunstâncias

que não controla entra numa vertigem de polarização à esquerda, se deslumbra com as pautas românticas de libertação nacional que chegam do então chamado «Terceiro Mundo» e que, na sequência, ousa redefinir radicalmente, fazendo uso do par Kosseleckiano, quer o campo de experiência da «identidade portuguesa», quer o horizonte de expectativas da formação social que lhe corresponde, almejando a construção de uma *via original* portuguesa para o socialismo. Não obstante a vontade, porém, o projecto está carregado de tensões, essas que parecem ser convocadas no palco da rodagem: serão as Forças Armadas assim tão distintas daquelas que, escassos anos antes, envergavam as fardas das tropas coloniais portuguesas que mais tarde seriam adquiridas pela produção do filme na Feira da Ladra, para fardar o exército opressor latino-americano do filme? Há algo de notável nesta imagem do exército português a envergar fardas antigas desse mesmo exército, as que tinham sido envergadas nas colónias pela tropa colonial, como se um abismo separasse os dois momentos. Ao prestar-se a este jogo simbólico, o MFA inadvertidamente dramatiza uma das suas grandes problemáticas, o desenvolver um projecto emancipatório totalizante que se apoia na mudança da noite para o dia começada a 25 de Abril de 1974, quando há questões estruturais que não acompanham as vontades políticas (o aparato colonialista, a mitologia nacionalista, etc) e cujo processo de dissolução é um processo muito mais lento e acidentado, como de resto se veria no pós-revolução. A partir de 1976, o conjunto de mitos lusotropicalistas que tinham sustentado o colonialismo tardio do Estado Novo – elogio da miscigenação, celebração da gesta dos Descobrimientos – voltam a enquadrar o discurso da democracia liberal em relação ao passado nacional, serenado o sobressalto momentâneo de 1974-1975 que desafiou alguns (ainda que não todos) os seus *topos*.

⁵⁵ Célebre feira de objectos usados e velharias de Lisboa.

4 Conclusão

E, de súbito, o bichanar cresceu, foi voz com palavras, e uma delas, das mulheres, disse:

«Vai dar ao Chile. Podes crer. Vai dar ao Chile.»

Quem viajava no banco atrás delas sentiu um arrepio [...]. Mas Portugal não será o Chile da Europa, sentiu-se pensar. O condutor, porém, passou nessa altura e a mulher que ia sentado do lado de fora perguntou:

«Não é verdade que este autocarro vai dar ao Chile?» (Carvalho, 2019).

O excerto acima transcrito provém de uma crónica da escritora Maria Judite Carvalho, escrita em Outubro de 1975 no *Diário de Lisboa*. A bordo de um autocarro onde duas passageiras interrogam o motorista acerca da destino final da carreira, podemos observar como a menção ao Chile – à Praça do Chile, entenda-se – desperta na autora ecos das palavras de ordem já cristalizadas da revolução, que se encontra agora no seu epílogo.

Ao longo de 1974 e 1975, a história recente do Chile pairou sobre o processo revolucionário português, como uma sombra ou um fantasma (Correia, 2006). A coincidência de algumas circunstâncias, juntamente com um conjunto de semelhanças e contrapontos que parecem conferir maior inteligibilidade ao contexto português quando identificados, transformam o referente chileno num elemento central no panorama político revolucionário. Constituído em lente de leitura da realidade política, importam-se referências e Allende torna-se um “herói nacional (Howe, 1975) mas esta proximidade tornará também o campo propício a intercâmbios artísticos e culturais.

O Chile marcaria indelevelmente um conjunto de gerações que apanharam 1974-75. António Costa, antigo primeiro-ministro de Portugal, considera-o mesmo o “episódio [que] acabou ser decisivo para a usual participação política”⁵⁶. O mesmo António Costa que, no exercício das suas funções como primeiro-ministro, viria a inaugurar em 2023 um busto de Salvador Allende⁵⁷, que

permanece hoje em exibição na estação de metro de Arroios, em plena... Praça do Chile.

Referências

BRIGADA Victor Jara nasceu a abrir uma estrada com o MFA. *Notícias de Coimbra*, Coimbra, 14 abr. 2014. Disponível em: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/brigada-victor-jara-nasceu-a-abrir-uma-estrada-com-o-mfa/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CARVALHO, Maria Judite de. *Obras Completas* – Volume V. Coimbra: Minotauro, 2019.

CHILE distingue Brigada Victor Jara nos 50 anos do derube de Allende. *Notícias de Coimbra*, Coimbra, 12 abr. 2024. Disponível em: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/chile-distingue-brigada-victor-jara-nos-50-anos-do-derrube-de-allende/>. Acesso em: 18 maio 2025.

CHRISTIAENS, Kim. European Reconfigurations of Transnational Activism: Solidarity and Human Rights Campaigns on Behalf of Chile during the 1970s and 1980s. *International Review of Social History*, Cambridge, v. 63, n. 3, p. 413-448, 2018.

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA. *Almada | A Sorte Que Tivemos!* Almada, 12 abr. 2024. Disponível em: <https://ctalmada.pt/almada-a-sorte-que-tivemos/>. Acesso em: 2 maio 2025.

CORREIA, Pedro. Quando o Fantasma Do Golpe Chileno Pairava Na Esquerda Portuguesa. *Diário de Notícias*, Lisboa, 11 dez. 2006.

COSTA revive no Chile “horrores” de Pinochet que o levaram à acção política. *Jornal de Negócios*, Lisboa, 15 jun. 2017. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/politica/detalhe/costa-revive-no-chile-horrores-de-pinochet-que-o-levaram-a-accao-politica>. Acesso em: 8 maio 2025.

FERREIRA, Medeiros. *Ensaio histórico sobre a revolução do 25 de Abril: o período pré-constitucional*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

HOWE, Marveve. Lisbon and Chile: Diverse Paths. *The New York Times*, New York, 22 set. 1975. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1975/09/22/archives/lisbon-and-chile-diverse-paths-democratic-solution-is-being-sought.html>. Acesso em: 27 jan. 2025.

MELO, Daniel. Miguel Torga e a PIDE. A repressão e os escritores no Estado Novo. *Le Monde Diplomatique*, Lisboa, 1 set. 2007. Disponível em: <https://pt.monde-diplo.com/2007/09/miguel-torga-e-a-pide-a-repressao-e-os-escritores-no-estado-novo.html>. Acesso em: 19 fev. 2024.

⁵⁶ COSTA revive no Chile “horrores” de Pinochet que o levaram à acção política. *Jornal de Negócios*, Lisboa, 15 jun. 2017. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/politica/detalhe/costa-revive-no-chile-horrores-de-pinochet-que-o-levaram-a-accao-politica>. Acesso em: 8 maio 2025.

⁵⁷ METROPOLITANO DE LISBOA, EPE. *Primeiro-Ministro inaugura estátua de Salvador Allende*. Lisboa, 27 set. 2023. Disponível em: <https://www.metrolisboa.pt/institucional/2023/09/27/primeiro-ministro-inaugura-estatua-de-salvador-allende/>. Acesso em: 1 mar. 2025.

METROPOLITANO DE LISBOA, EPE. *Primeiro-Ministro inaugura estátua de Salvador Allende*. Lisboa, 27 set. 2023. Disponível em: <https://www.metrolisboa.pt/institucional/2023/09/27/primeiro-ministro-inaugura-estatuade-salvador-allende/>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MOORES, Christopher. Solidarity for Chile, Transnational Activism and the Evolution of Human Rights. *Moving the Social: Journal of Social History and the History of Social Movements*, Bochum, n. 57, p. 115-136, 2017.

NERUDA, Pablo. *Incitamento ao Nixonicídio e louvor da revolução chilena*. Lisboa: Agência Portuguesa de Revistas, 1975.

NERUDA, Pablo. *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. Lisboa: D. Quixote, 1974.

PAUL, Fernanda. "El pueblo unido jamás será vencido": la historia del emblemático himno de protesta que vuelve a ser protagonista en Chile. *BBC*, [s. l.], 16 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50809666>. Acesso em: 17 abr. 2025.

REZOLA, Maria Inácia. *25 de Abril - Mitos de Uma Revolução*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.

TELO, António José. *História Contemporânea de Portugal - Do 25 de Abril à Actualidade - Volume I*. Lisboa: Editorial Presença, 2011.

TORRES, Eduardo Vergara. De pie, cantar, que vamos a triunfar. *Jacobin*, New York, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2024/11/de-pie-cantar-que-vamos-a-triunfar/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

VESPEIRA DE ALMEIDA, Sónia. Etnografia retrospectiva 2.0: o gesto artístico na revolução. *Etnográfica: revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, Minho, n. esp., p. 165-179, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.16112>. Acesso em: 22 nov. 2024.

Rita Lucas Narra

PhD candidate at Instituto de História Contemporânea, Lisbon, Portugal. Her research focuses on the formation of the idea of the Third World, and its perception in Portugal during the second half of the 20th century.

Endereço para correspondência

RITA LUCAS NARRA

ritalucnarra@gmail.com

Como citar esse artigo

Lucas Narra, R. O «Referente Chileno» no Processo Revolucionário Português de 1974-1975: Dimensões Políticas e Culturais. *Estudos Ibero-Americanos*, e48954. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2026.1.48954>

Os textos deste artigo foram normatizados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.